

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

ROSEMEIRE M. DA COSTA PEREZ

O SEM - TERRA URBANO EM.
UBERLÂNDIA - O CASO LAGOINHA

LABORATÓRIO DE ENSINO E APRENDIZA-
GEM DE HISTÓRIA - UFU

N.º ~~22~~ 1131

Data 26/02/94

UBERLÂNDIA

1990

1625

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA EM HISTÓRIA COHS
CAMPUS SANTA MÔNICA - Bloco 1 Q (Antigo Mineirão)
AV. UNIVERSITÁRIA S/N.
38400-902 UBERLÂNDIA - MG

1.625

ROSEMEIRE M. DA COSTA PEREZ

O SEM - TERRA URBANO EM
UBERLÂNDIA - O CASO LAGOINHA

LABORATÓRIO DE ENSINO E APRENDIZA-
GEM DE HISTÓRIA - UFU

N.º

Data / /

Monografia desenvolvida na dis-
ciplina História do Brasil VII,
no 9º período do Curso de His-
tória sob a orientação da Pro-
fessora Carmem Lúcia Figueira
Balbino.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Uberlândia - 1990

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA EM HISTÓRIA COMS
CAMPUS SANTA MÔNICA - Bloco 1 Q (Antigo Mineirão)
AV. UNIVERSITÁRIA S/N.º
38400-902 - UBERLÂNDIA - M.G. — BRASIL

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de colocar que a presente monografia nasceu da minha preocupação em procurar desvendar um pouco mais o espaço que me rodeia, tentando assim perceber as nuances de uma cidade, que como muitas outras no país, tantas interrogações nos levam¹am.

Esta foi uma tarefa um tanto árdua, que de mim exigiu um grande esforço no sentido de conciliar o trabalho com as preocupações cotidianas, pessoais etc, que muitas vezes dificultam a plena realização das atividades acadêmicas.

Neste sentido gostaria de aqui agradecer a todas as pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para a efetivação deste trabalho, em especial, aos próprios favelados que tão bem me receberam em seus humildes barracos, fornecendo depoimentos francos e emocionados, que enriqueceram enormemente o trabalho.

Gostaria de agradecer a Professora CARMEM LÚCIA FIGUEIRA BALBINO, pela sua valiosa orientação e pelo grande incentivo pessoal que me deu para a realização desta monografia.

Agradeço também ao Centro de Defesa de Direitos Humanos da Diocese de Uberlândia, que me forneceu os dados do cadastramento dos favelados; ao Arquivo Público Municipal pelo acesso que tive aos jornais "O Progresso", "Primeira Hora" e "Correio de Uberlândia"; ao Núcleo de Pesquisa e Documentação em História e Ciências Sociais, ao Laboratório de Ensino de História e a todas as instituições e entidades que me forneceram subsídios para a viabilização deste trabalho.

Agradeço também a todos os colegas e professores do Curso que me apoiaram e trouxeram contribuições para o

trabalho.

Em especial agradeço à colega ROSA, pelo companheirismo e pelo apoio pessoal que tanto me ajudou nos momentos difíceis, à colega ELIANE que tão gentilmente me cedeu os poemas aqui utilizados.

"Urbaniza-se? Remove-se?
Extingue-se a pau e fogo?
Que fazer com tanta gente
brotando do chão, formigas
de formigueiro infinito?
Ensinar-lhes paciência,
conformidade, renúncia?
Cadastrá-los e fichá-los
para fins eleitorais?
Prometer-lhe a sonhada,
mirífica, rōseo-futura
distribuição (oh!) de renda?
Deixar tudo como está
para ver como é que fica?
Em seminários, simpósios
comissões, congressos, cúpulas
de alta vaniloquência
elaborar a perfeita
e divina solução?

Um som de samba interrompe
tão sérias cogitações
e a cada favela extinta
ou em vila transformada,
com direito a pagamento
de Comlurd, ISS, Renda,
outra aparece, larvar,
rastejante, desafiante,
de gente que nem a gente,
desejante, suspirante,
ofegante, lancinante
O mandamento da vida
explode em riso e ferida."

[Carlos Drummond de Andrade - "Favelário Nacional"]

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	7
CAPÍTULO I: Estruturação e Disciplinarização do Espaço Urbano em Uberlândia - Um Resgate Histórico.....	11
CAPÍTULO II: A Favela da Lobeira sob a Ótica da Democracia Par ticipativa - Administração Zaire Rezende - (1983- 1988).....	20
CAPÍTULO III: Disciplinarização X Resistência: A Favela da Lo- beira no Contexto Atual - (1988-1990).....	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
BIBLIOGRAFIA	42

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A questão do sem-terra urbano na cidade de Uberlândia tem sido alvo de muita polêmica nos dias atuais, devido ao ser próprio agravamento e à sua própria dimensão enquanto um problema social latente dentro deste contexto específico, que se encontra inserido obviamente, dentro do contexto mais amplo da sociedade brasileira.

Neste sentido surgiu a nossa preocupação em trabalhar com tal questão de forma a aprofundar mais a discussão sobre a mesma na tentativa de buscar alguns eixos que nos permitam trilhar caminhos que levem a uma maior elucidação de tal problemática.

Para abordarmos tal questão elegemos como nosso objeto de pesquisa específico a Favela da Lobeira situada no Bairro Lagoinha na cidade de Uberlândia.

Vale ressaltar que encontramos uma série de dificuldades no decorrer do trabalho, dentre as quais se destacam a questão de como aliar tal objeto de pesquisa à produção teórica sobre a referida temática.

Acreditamos que tal dificuldade surgiu devido a nossa própria inexperiência em trabalhos desta natureza e à própria preocupação em incorreremos no risco de cair no teorismo, sem levar em conta a dimensão do tema escolhido em termos concretos.

Isto nos levou a optarmos por uma análise a nível mais prático, mais sólido, no sentido de buscarmos uma real compreensão do problema habitacional em Uberlândia, tentando desvendá-lo em seus mais variados aspectos afim de podermos

analisar a própria problemática da Favela.

Desta forma estabelecemos um eixo que irá nortear todo o trabalho, qual seja o da disciplinarização do espaço urbano em Uberlândia que gera todo o processo de segregação das classes populares que são jogadas cada vez mais para as áreas periféricas desprovidas das mínimas condições de moradia.

Neste sentido chamamos a atenção para o fato de que tal disciplinarização ocorre de forma a atender os interesses políticos e econômicos das classes sociais mais abastadas, em suma os próprios interesses do capital.

Outra questão que irá permear nossa análise na qual se situa esta questão da disciplinarização do espaço urbano diz respeito a toda noção da ordem do progresso e do trabalho, noção esta utilizada na construção de um discurso ideológico que nos passa a imagem de uma cidade ordeira, progressista que se prima pelo trabalho de seus habitantes.

Assim pretendemos trabalhar esse discurso afim de detectarmos os intrincados mecanismos do mesmo que acaba criando a idéia de homogeneização das classes sociais, escamoteando os conflitos existente e justificando a própria sociedade burguesa capitalista.

A partir destes pontos básicos desenvolveremos o nosso estudo da Favela da Lobeira, tentando colocar os diversos aspectos da questão, além de trabalharmos também em termos de uma contraposição: disciplinarização X resistência, que vem ocorrendo no momento atual.

Este trabalho não tem como objetivo trazer respostas definitivas para a questão. Ao contrário nossa intenção é fazer indagações, levantar dúvidas, afim de que possamos fazer uma discussão mais aprofundada sobre uma problemática tão

polêmica e complexa, que assume rumos diferenciados a cada dia que passa.

Dentro deste eixo proposto abordaremos no primeiro capítulo do nosso trabalho intitulado - Estruturação e Disciplinização do Espaço Urbano em Uberlândia - Um Resgate Histórico - a questão de como se deu tal disciplinarização em nossa cidade, recuperando assim, de forma generalizada a própria história de Uberlândia desde seus primórdios afim de mostrar como foi construído todo o ideário de progresso e desenvolvimento que pesiste nos dias atuais e é usado como forma de justificar os próprios interesses das classes detentoras do poder. Neste sentido este capítulo objetiva também buscar as raízes da organização urbana da cidade, suas características, finalidades, etc., para que possamos ter uma visão mais ampla de como ocorre tal organização nos dias atuais.

No segundo capítulo do nosso trabalho denominado - A Favela da Lobeira sob a ótica da "Democracia Participativa" - Administração Zaire Rezende (1983-1988) - pretendemos abordar mais especificamente o nosso objeto de estudo - a Favela - recuperando a forma como a mesma foi tratada neste contexto além de recuperarmos também as ações empreendidas por esta Administração com relação ao problema habitacional. Para tanto iremos trabalhar o slogan do poder público nesta época, qual seja, a "Democracia Participativa" afim de detectarmos, através dos discursos montados em cima deste slogan, os mecanismos que são criados afim de escamotear os conflitos, os problemas sociais e a própria questão habitacional. Dentro disto analisaremos de que forma todo esse discurso vai refletir sobre o caso específico da Favela da Lobeira.

No terceiro e último capítulo do nosso traba-

lho intitulado - Disciplinarização X Resistência - A Favela da Lobeira no Contexto Atual (1988-1990) - pretendemos focalizar a postura da atual administração Virgílio Galassi com relação à Favela da Lobeira. Neste sentido pretendemos colocar de um lado, o discurso desta Administração, pautado no progresso, no desenvolvimento da cidade, na idéia da cidade ideal, cidade jardim, onde os conflitos não existem. Por outro lado pretendemos recuperar o contra-discurso, ou seja, o próprio processo de resistência por parte dos moradores da Favela em questão, devido a própria atitude da Prefeitura com relação aos mesmos, atitude esta permeada por pressões, ameaças, além da própria marginalização, que se torna evidente na medida em que o favelado é visto como caso de polícia. Assim nos propomos neste último capítulo a discutir a disciplinarização do espaço urbano nos dias atuais, que ocorre de forma desenfreada, visando atingir a meta maior que nos é muito bem colocada no lema desta Administração, "O Desafio do Desenvolvimento"; mostrando também em contrapartida as formas de organização e resistência dos favelados, que juntamente com entidades, sindicatos e partidos políticos, passam a exigir uma real solução de sua questão.

CAPÍTULO I

ESTRUTURAÇÃO E DISCIPLINARIZAÇÃO DO ESPAÇO URBANO
EM UBERLÂNDIA - UM RESGATE HISTÓRICO

A temática, acima referida, sobre a qual desenvolveremos a parte inicial do nosso trabalho tem uma importância fundamental na medida em que achamos necessário recuperar historicamente a questão urbana no contexto da cidade de Uberlândia, afim de chegarmos a uma compreensão mais ampla do próprio processo de organização do espaço urbano uberlandense que ocorre nos dias atuais.

Vivemos hoje um processo de estruturação e disciplinarização do espaço urbano que ocorre não só a nível local, mas também a nível das demais cidades brasileiras, o que demonstra um caráter altamente segregador, na medida em que a expansão das cidades se dá de forma a atender os interesses políticos e econômicos das classes sociais mais elevadas, enquanto que as classes populares são jogadas para áreas cada vez mais periféricas, onde inexistente qualquer tipo de infraestrutura habitacional.

Na cidade de Uberlândia tal processo nos é colocado de forma clara, visto que temos um centro urbano desenvolvido em termos econômicos, comerciais, residenciais, etc., dotado de toda uma infraestrutura adequada que é moldada justamente para atender os interesses das classes altas ligadas à especulação imobiliária, aos interesses econômicos, enfim, aos próprios interesses do capital. Por outro lado temos as áreas periféricas, relegadas a segundo plano, sem nenhum tipo de in-

fraestrutura, onde habitam, em condições precárias, a grande maioria da população de baixa renda, que residem em favelas ou em conjuntos habitacionais, cujas casas são de ínfima qualidade, não oferecendo condições dignas de moradia.

Toda esta questão já foi por nós discutida no projeto inicial do nosso trabalho, onde chamamos a atenção para um fato importante, qual seja o de que esse processo de estruturação do espaço urbano, de segregação e disciplinarização está situado dentro de uma questão maior que se encontra montada ideologicamente no discurso da ordem, do progresso e do trabalho.

Este discurso, amplamente veiculado em nossa cidade através da imprensa, do poder público, das classes sociais mais privilegiadas, etc., tem suas raízes históricas bem demarcadas.

Com o intuito de recuperar as raízes desse discurso, bem como as relações estabelecidas entre o mesmo e a própria questão da estruturação e disciplinarização do espaço urbano, recorreremos aos artigos de jornais que datam do início do século e que travam toda essa discussão acerca do desenvolvimento urbano da cidade, seu progresso, suas necessidades, etc.

Antes porém de recorrermos a tais artigos, gostaríamos de colocar alguns dados históricos sobre a cidade que julgamos relevantes, e que se baseiam principalmente no estudo feito por Beatriz Soares.¹

1 - SOARES, Beatriz Ribeiro. De Uberabília a Uberlândia: O Processo de Produção do Espaço.
In: HABITAÇÃO E PRODUÇÃO DO ESPAÇO EM UBERLÂNDIA. Dissertação de Mestrado, USP/SP,
1988, p.11-68. Mimeo.

Segundo a pesquisa realizada por esta autora a cidade de Uberlândia foi fundada no final do século passado, em terras que pertenciam ao município de Uberaba. Seus primeiros habitantes se instalaram às margens de um córrego, que foi denominado São Pedro e ocuparam as terras próximas que foram denominadas Fazenda do Salto.

A partir disto formou-se o Arraial de Nossa Senhora do Carmo de São Sebastião da Barra de São Pedro de Uberabinha, constituído de um pequeno povoado, caracterizado essencialmente pela atividade rural, sendo o arraial (...) apenas uma extensão do campo, com uma pequena capela construída de adobe e barro, pequenas lojas de comércio, algumas poucas casas e uma população presumível, conforme documentos históricos, de 150 habitantes.²

Neste âmbito, podemos notar que desde os seus primórdios, mesmo sendo um simples arraial a cidade já possuía todo um sistema de disciplinarização do espaço urbano, o que nos é comprovado pela própria autora em questão:

*Estas casinhas sem estética e desalinhadas abrigavam a população de baixa renda, num local denominado Chapada, localizado bem próximo às chácaras, nos limites da zona rural. Era ali que se concentravam pedreiros, lavadeiras, ajudantes de serviços domésticos, etc... No largo da Igreja estavam localizadas as melhores construções, onde morava a classe dirigente.*³

A partir daí podemos perceber que já havia sido estabelecida a segregação que colocava as classes populares em habitações precárias, distantes da zona central da cidade, enquanto que as classes mais altas tinham o privilégio de mora

2 - Idem, *Ibidem*, p.22.

3 - Idem, *Ibidem*, p.22.

rem em excelentes residências, localizadas na zona central.

Este processo de disciplinarização vai se intensificar ainda mais no início do século XX, quando Uberabinha começa a sofrer um maior desenvolvimento urbano que se evidencia na instalação de escola pública, estação telegráfica, abastecimento de água potável, entre outros serviços.

Desse modo há um redimensionamento do espaço urbano, que passa a ser dotado de uma infraestrutura mais moderna, gerando assim um desenvolvimento mais amplo das áreas centrais, que passam a ser mais valorizadas, o que vai dar origem ao processo de disciplinarização urbana que vai caracterizar o próprio desenvolvimento da cidade. Este processo nos é bem colocado pela referida autora:

*O espaço urbano de Uberabinha passa, então, a apresentar uma estrutura espacial estratificada em termos de classes sociais, com a expulsão da população de baixa renda das áreas mais centrais. Esta expulsão ocorreu devido à instalação dos novos equipamentos coletivos, estabelecendo-se ali um outro padrão de habitações - sobrados, mansões em substituição às antigas casas de taipa e palhoça.*⁴

Há que se destacar também que todo esse processo de disciplinarização do espaço urbano ocorre de forma a elevar o próprio "status" da cidade, pois já neste período vemos aflorar de forma bem delineada o discurso ideológico do progresso e do desenvolvimento, que é veiculado na imprensa da época:

A esta cidade, cujo extraordinário desenvolvimento nestes trez últimos anos enciuma seriamente as nossas vizinhas, está incontestavelmente reservado um bellissimo futuro como praça commercial e indus-

4 - Idem, Ibidem. p.28.

trial que ha de ser.

Situada no centro do Triangulo possuindo um município constituído por terras de uma fertilidade assombrosa, gozando já de fama merecida de região agrícola eminentemente productora e encerrando dentro das suas divisas com os municípios limitrophes riquezas naturais de um inestimável valor, ella ha de continuar a engrandecer se todos os dias, destacando-se distinctamente de entre as demais cidades mineiras. (...) ⁵

Assim temos aí colocada toda a noção de progresso, de ordem, de sociedade civilizada que nos traz a idéia de uma cidade que vive em perfeita harmonia, sem conflitos sociais, como nos comprova o mesmo artigo em questão:

(...) É um facto constactado que a sua população augmenta todos os dias pela aquisição de novos elementos, as iniciativas particulares, fugindo das pêas da rotina, desenvolvem-se satisfactoriamente, o comércio dilata-se sob seus múltiplos aspectos e o dinheiro como prova eloquente de bem estar, circula por todas as mãos. ⁶

Portanto, nada mais contundente do que este discurso para demonstrar-nos que a idéia de progresso e desenvolvimento que perpassa a sociedade uberlandense já havia sido disseminada desde os seus primórdios.

Desde esta época já se revela a preocupação com a estética da cidade, que deveria ter um aspecto civilizado, ordeiro para o progresso e bem-estar de todos. Tal preocupação transparece nos jornais da época:

Agora que se inicia para Uberabinha uma nova era de prosperidade é chegado o momento de volvermos as nossas vistas para o poder municipal, sollicitando delle providencias effectivas para o melhoramento da cidade.

5 - Uberabinha, O PROGRESSO, Uberabinha, 15/12/1907, Anno I, nº 13, p.1.

6 - Idem, Ibidem, p.1.

Entre estas providências cumpre-nos salientar o embelezamento das nossas ruas e praças principais, cujos aspectos actuaes ainda produzem em quem nos visita uma impressão bastante agradável e em desacordo com as nossas pretensões de urbs civilizada.⁷

Assim temos muito bem veiculado o discurso burguês pautado na harmonia social, na ordem, no progresso que é colocado em prática através do trabalho de todos numa cidade onde os conflitos parecem não existirem.

Maria Clara Tomaz Machado é quem nos chama a atenção para esta questão:

Encravada no sertão do Brasil Central, na região do Triângulo Mineiro, uma das zonas mais prósperas do Estado de Minas Gerais, Uberlândia, antiga Uberabinha, perseguiu o progresso no decorrer de toda sua história. Uberlândia uma cidade capitalista que ideologicamente mistifica a exploração do trabalho, as desigualdades sociais e os conflitos de classe, constrói uma imagem de sociedade que reflete o progresso através da ordem e do trabalho. Progresso esse que o capital, como força laboriosa, 'conquista' para 'toda' a sociedade que aqui vive, progresso esse forjado sob a imagem de uma sociedade ordeira, laboriosa e passiva moralizada de ponta a ponta pelo ideário burguês.⁸

Neste sentido, este discurso tem como objetivo escamotear os conflitos existentes, justificando a própria sociedade burguesa capitalista. Cria-se assim uma imagem de Uberlândia como sendo a "cidade modelo", "cidade-jardim" onde não existem mendigos, menores abandonados, desemprego, violência, ... imagem esta amplamente divulgada em todos os meios de comunicação, tanto a nível local quanto a nível nacional.

Todo este discurso se insere obviamente na pró-

7 - Pela Cidade. O PROGRESSO. 26/01/1908, Anno I, nº19, p.1.

8 - MACHADO, Maria Clara Tomaz. A pobreza urbana na ótica do capital - Análise do discurso - Uberlândia - 1900-1960. In: ANAIS DO V ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA. Uberlândia, Julho de 1986, p.114.

pria questão da disciplinarização do espaço urbano, pois torna-se necessário tirar a pobreza das ruas, "limpar" a cidade de forma que sua imagem ordeira, pacífica civilizada não seja manchada.

Neste âmbito convém ressaltar que a sociedade acaba por criar mecanismo de controle afim de justificar e manter seu próprio discurso. Dentre tais mecanismos situam-se as próprias, instituições, como prisões, asilos, orfanatos, hospitais, etc, que objetivam manter os indivíduos sob rígido controle e vigilância para que não ocorra distúrbios na ordem social estabelecida.

Estes mecanismos constituem o próprio "poder disciplinar", que segundo Foucault⁹ foi um instrumento fundamental para a constituição do capitalismo industrial nos séculos XVII e XVIII e que perdura nas sociedades modernas. Nesta perspectiva são criadas uma série de disciplinas apoiadas no saber científico e que constroem todo um discurso normalizador, que rege a vida dos indivíduos.

Para elucidar melhor tal questão gostaríamos de colocar a postura da autora acima citada Maria Clara Tomáz Machado:

Além do discurso ideológico do trabalho repassado pela imprensa, a moralização percorre todos os poros da sociedade. A moralização salta os muros da fábrica, entra pela porta das casas penetra nas escolas e diz aos menores como se tornar um cidadão civilizado e evidentemente moldado aos interesses do capital. Mas, para maior eficiência na disciplinarização, é preciso denunciar a "sujeira" da sociedade. O jogo, a vagabundagem, a mendicância são apontados como o chanco que corrói as vísceras da sociedade. Da denún-

9 - FOUCAULT, Michel. Soberania e Disciplina. In: MICROFÍSICA DO PODER. 7 ed., Rio de Janeiro, Edições Graal, 1979, p.188.

cia à exigência da punição o passo é bem pequeno. E esta deve ser feita a través da aplicação da lei "mantendora da ordem" por terceiros que realizam o "serviço" em nome do "bom andamento" da sociedade, garantindo o controle do poder pela burguesia."¹⁰

Neste sentido podemos perceber de forma bem nítida todo o processo de disciplinarização do espaço urbano em Uberlândia, um processo que ocorre de forma cada vez mais acentuada e que possui um caráter altamente segregada na medida em que atende aos interesses do capital que utiliza de todos estes mecanismos de poder afim de escamotear a pobreza, jogando-a para a periferia onde as condições de moradia são extremamente precárias.

Tal processo resulta da própria expansão do capital que faz com que o Estado tenha como objetivo maior o lucro, gerando por um lado uma especulação imobiliária sem limites e por outro lado uma deterioração cada vez mais crescente das condições de vida da classe trabalhadora que não tem o mínimo acesso aos serviços públicos básicos.

Lúcio Kowarick é quem nos explicita bem esta questão:

Assim, o chamado "problema" habitacional deve ser equacionado tendo em vista dois processos interligados. O primeiro refere-se às condições de exploração do trabalho propriamente ditas, ou mais precisamente às condições de pauperização absoluta ou relativa a que estão sujeitos os diversos segmentos da classe trabalhadora. O segundo processo, que decorre do anterior, e que só pode ser plenamente entendido quando analisado em razão dos movimentos contraditórios de expansão do capital, pode ser nomeado de espoliação urbana¹¹ (grifo do autor).

10 - MACHADO, Maria Clara Tomáz. op. cit. p.114.

11 - KOWARICK, Lúcio. A Lógica da desordem. In: A ESPOLIAÇÃO URBANA. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979, p.59.

Temos então delineado todo este processo de estruturação e disciplinarização do espaço urbano em nossa cidade, processo que se deu desde a fundação da mesma e que se coloca de forma clara nos dias atuais.

Basta atentarmos para o próprio slogan da atual administração municipal do Prefeito Virgílio Galasse, "O Desafio do Desenvolvimento", ou seja, é necessário a expansão a qualquer custo, o progresso é a meta maior, sendo que os problemas sociais se agravam cada dia mais, devido ao fato de não receberem a merecida atenção.

Assim se por um lado temos a "Uberlândia das mil e uma luzes", a "cidade jardim", etc, por outro lado temos a favela, a miséria, a violência que vão se delineando contraditoriamente no espaço urbano uberlandense.

Nesta perspectiva pretendemos estudar no decorrer deste trabalho a Favela da Lobeira, situada no Bairro Lagoinha que foi eleita como nosso objeto de pesquisa.

A história da favela, a postura do poder público, as formas de luta dos favelados são questões que tentaremos, dentro de nossas possibilidades abordar como forma de descobrirmos o que realmente ocorre a nível da questão habitacional em nossa cidade.

Para tanto entraremos agora no estudo específico da favela, visto já termos explicitado no presente capítulo todo o processo de disciplinarização do espaço urbano em Uberlândia, dentro de uma perspectiva histórica.

C A P Í T U L O I I

FAVELA DA LOBEIRA SOB A ÓTICA DA "DEMOCRACIA PARTICIPATIVA" -
ADMINISTRAÇÃO ZAIRE REZENDE - (1983-1988)

Neste capítulo pretendemos abordar mais especificamente o nosso objeto de pesquisa qual seja, a Favela da Lobeira, situada no Bairro Laogoinha na cidade de Uberlândia, fazendo um retrospecto histórico dentro do contexto da Administração Zaire Rezende.

É necessário salientar que nossa intenção inicial era a de recuperar a própria história da favela, suas origens, formação, etc. Isto seria feito num capítulo que antecederia ao presente, pois tal questão estaria situada no contexto da Administração anterior do Prefeito Virgílio Galassi - 1978-1981. Neste contexto, de acordo com algumas referências que encontramos e que se revelaram um tanto quanto imprecisas, a Favela teria sido transferida do Bairro Saraiva para o Bairro Lagoinha.

Sendo assim pretendíamos trabalhar essa questão da transferência da Favela situando-a na própria questão da disciplinarização do espaço urbano por nós já discutida no primeiro capítulo deste trabalho, além de pretendemos também recuperar a história da Favela e a postura do poder municipal desta época frente a mesma.

No entanto não tivemos condições de viabilizar tal objetivo, devido às escassas fontes documentais acerca do assunto e principalmente pelo fato de que a Favela, ao se constituir no Bairro Lagoinha, possuía moradores advindos de diver

sos locais: alguns realmente vieram da Favela situada nas proximidades do Bairro Saraiva, outros vieram da zona rural ou de cidades próximas além daqueles oriundos de outras favelas da cidade.

Além disto há que se destacar a própria rotatividade dos moradores, ou seja, não se pode falar em termos de uma população fixa, devido às condições precárias em que se encontram, que os obrigam a mudar constantemente.

Devido a todos estes fatores tornou-se difícil para nós fazermos um resgate histórico da Favela, mesmo quanto à questão da transferência da mesma, visto que os moradores provinham de diversos lugares, sendo apenas alguns que vieram do Bairro Saraiva.

Pensamos em solucionar o problema através da memória oral, fazendo entrevistas com os moradores mais antigos, que poderiam nos fornecer informações sobre todo esse processo. Porém também não nos foi possível realizar este objetivo, pois de acordo com depoimentos dos moradores atuais, estas pessoas já se mudaram para outros locais, quer dizer, esbarramos na própria questão da rotatividade existente com relação aos moradores da Favela.

Portanto não encontramos condições objetivas capazes de fornecerem subsídios efetivos para a viabilização do que se constituiria no segundo capítulo deste trabalho.

Optamos então por trabalhar nosso objeto de pesquisa dentro do contexto mais atual. Para tanto iremos abordar no presente capítulo a Favela da Lobeira na ótica da "Democracia Participativa", lema da Administração Zaire Rezende, situada no período que vai de 1983 a 1988.

Vale ressaltarmos que tal questão será trabalhada levando-se em conta as características inerentes à pró-

pria política habitacional implantada por esta Administração , as medidas tomadas pela mesma no sentido de solucionar o problema da moradia e o próprio discurso da "Democracia Participativa" que norteou as ações do poder público nesta época.

Assim pretendemos fazer uma análise mais ampla da questão, por acreditarmos que a Favela da Lobeira não se constitui um caso isolado, visto que se encontra inserida dentro de toda a problemática da estruturação e disciplinarização do espaço urbano uberlandense, já discutida por nós no primeiro capítulo deste trabalho.

Neste sentido a Favela surge, dentro de todo esse processo que adquiriu em Uberlândia a partir da década de 70 um ritmo acelerado devido a intensificação da industrialização, do desenvolvimento econômico, que passam a atrair um grande contingente de pessoas advindas de diversas regiões que aqui vêm se instalar em busca de emprego e melhores condições de vida.

A ausência de uma política habitacional por parte do poder público no sentido de atender a demanda de moradia exigida por esta população em crescimento, provocou uma expansão desenfreada da periferia na medida em que a estruturação urbana da cidade objetivava servir aos interesses do capital , relegando tais populações, que se constituem na própria classe trabalhadora, à condições de moradia extremamente precárias.

Beatriz Soares Ribeiro é quem nos esclarece acerca desta questão: *Uberlândia, inserida nas relações capitalistas de produção, possui uma divisão social do espaço caracterizado nos moldes das cidades capitalistas no Terceiro Mundo: as melhores áreas servidas de todo o equipamento coletivo, ocupadas pelas classes sociais de maior poder aquisitivo, restam às classes populares, segregadas social e espacialmen*

te - a periferia urbana, carente de toda ordem dos bens de consumo coletivo.¹²

Todo esse processo ganha relevância na cidade nas duas últimas décadas com a expansão dos bairros periféricos que ocorre devido a própria segregação do espaço urbano que não permite às classes populares o acesso as condições dignas de moradia.

Assim temos um déficit habitacional que se agrava enormemente durante este período e segundo a autora em questão As alternativas habitacionais para as classes populares em Uberlândia podem ser entendidas em quatro direções: autoconstrução, moradia produzida pelas Companhias Habitacionais - COHAB e prefeitura; moradia produzida pela iniciativa privada e as favelas.¹³ (grifo nosso).

Na década de 80 as favelas passam a ocupar um lugar de destaque no cenário urbano uberlandense, pois de acordo com dados colhidos pela referida autora haviam nada mais do que 2.554 pessoas vivendo em favelas em diversos bairros da cidade.

Com vistas a solucionar a questões, a Administração Zaire Rezende implantou o sistema de mutirão, no qual os materiais de construção eram financiados pela Prefeitura num prazo de cinco anos, através de prestações que equivaliam a 10% da renda familiar.

Assim favelados de diversas áreas da cidade foram transferidos para dezolto bairro, entre eles, Tocantim, Parque São Jorge, Leão XIII e Esperança, o que não solucionou a questão pois tais bairros estão localizados em áreas distan-

12 - SOARES, Beatriz Ribeiro. Expansão e Contradições Sociais no Espaço Urbano de Uberlândia. op. cit., p. 93.

13 - Idem. Ibidem. p. 104.

tes, muitas vezes sem a mínima infraestrutura. Além disso as casas construídas revelaram um baixo nível de qualidade, não oferecendo aos moradores as devidas condições de habitação.

O que temos portanto é uma política que reproduz o próprio processo de disciplinarização do espaço urbano, pois o favelado é jogado para a periferia de forma a preservar a imagem da "cidade jardim", imagem que não coaduna com a miséria que se explicita nas condições de vida sub-humanas dos favelados.

No caso específico da Favela da Lobeira a Administração Zaire Rezende não teve uma ação efetiva no sentido de resolver o problema, visto que o programa habitacional implementado pela Prefeitura não conseguiu suprir a demanda de moradias exigidas pelas classe de baixa renda que residiam em favelas.

O que conseguimos vislumbrar acerca da atuação desta Administração no caso da Favela da Lobeira é a reprodução do discurso ideológico da "Democracia Participativa" na qual Prefeitura e favelados estariam empenhados em buscar solução para o problema habitacional.

Percebemos que tal proposta se situa apenas a nível do discurso como forma de manutenção do próprio poder político, pois na prática o problema dos favelados foi relegado a segundo plano, sem ações concretas por parte do poder municipal no sentido de fornecer condições dignas de moradia aos favelados.

O que temos portanto é um discurso que serve apenas para escamotear a problemática social, um discurso pautado na democracia que incentivava a participação popular como única forma viável de se conseguir melhorias nas condições de

vida das classes populares:

A proposta de democracia com todos os segmentos da sociedade, nesse momento inicial revelou que as prioridades de Governo deveriam atingir preferencialmente a camada da população de baixa renda, os marginalizados do sistema de poder e de produção, os bairros periféricos sem nenhum equipamento social.¹⁴

A este nível podemos detectar uma série de discursos similares veiculados na própria imprensa local, como forma de se construir a imagem de uma cidade na qual o poder público e o povo se encontram de mãos dadas, juntos na grandiosa tarefa de promover o desenvolvimento social e político da cidade, o que pode ser notado na fala a seguir:

(...) Zaire Rezende destacou que o o povo de Uberlândia deve participar politicamente de todas as ações de seu governo. "É preciso abrir mais espaços para essa participação de modo que o trabalho não fique no plano administrativo apenas", disse, "servindo também de estímulo à organização popular e ao aprofundamento da reflexão política"(...).¹⁵

Todo este discurso parece refletir sobre a própria população na medida em que está vê no poder público encarnado na figura do Prefeito, uma espécie de amigo, isto é, o poder público é aquele que está ao lado da população, discutindo com ela os seus problemas.

No caso da Favela da Lobeira Iguo transparece na fala dos moradores, pois apesar desta Administração não ter tomado posturas efetivas para resolver o problema dos mesmos,

14 - REZENDE, Zaire. A Prática da Democracia Participativa em Uberlândia/MG. In: NETO, João Herman (org.) DEMOCRACIA FEITA EM CASA. Brasília, Ed. Escopo, 1984, p. 341.

15 - Debate - Participação Popular: Povo e Governo devem andar sempre juntos. PRIMEIRA HORA. Uberlândia, 09/11/83, Ano III, nº 619, p. 05.

sentimos nos depoimentos uma certa apologia ao ex-prefeito , considerado como uma pessoa honesta, preocupada com o povo. Ve jamos:

*O Zaire na administração ele vinha aqui, a mulher dele também... Ele não fazia pressão, dava atenção prá' gente.*¹⁶

É interessante notarmos através deste e de outros depoimentos similares a forma pela qual o discurso passa a ser introjetado pelos próprios favelados, isto é, a referida Administração não fez nada por eles, mas em contrapartida sempre se revelou preocupada humanitariamente com a sua situação.

Mais uma vez a problemática habitacional é esca motcada em prol dos interesses políticos e econômicos das clas ses dirigentes. Mais uma vez vemos o poder público a serviço da disciplinarização do espaço urbano uberlandense.

O favelado deve ficar no seu devido lugar, no barraco ou na melhor das hipóteses é transferido para outros bairros periféricos, sem condições habitacionais adequadas. O importante é que ele não denigra a imagem da cidade, não escan care sua miséria, suas condições sub-humanas de vida.

Em contrapartida o que ocorre é um escancaramen to alarmante da miséria, na medida em que a Favela tende a cres cer a cada dia, o que pode ser notado no momento atual situado no contexto da Administração Virgílio Galassi, o qual será a- bordado no capítulo a seguir.

Vemos portanto que a ausência de uma ação efeti va tanto por parte da administração anterior como da atual le va a um agravamento da questão; as favelas pipocam em diversas áreas da cidade e o favelado passa a ser uma figura comum den-

16 - Depoimento de uma moradora da Favela da Lobeira, Uberlândia, 25/11/90.

tro do espaço urbano uberlandense, colocando-se de forma contrastante na cidade das mil e uma luzes. Pois...

(...) E inevitável, é prescrito, lei que não se pode revogar nem desconhecer?

Não, isto é medonho, faz adiar nossa esperança da coisa ainda sem nome que nem partidos, ideologias, utopias sabem realizar.

Dentro de nós é que a favela cresce e, seja discurso, decreto, poema que contra ela se levante, não para de crescer.¹⁷

17 - ANDRADE, Carlos Drummond de. Favelário Nacional. In: CORPO. 11 ed., Rio de Janeiro, Ed. Record, 1987, p.121.

C A P Í T U L O I I I

DISCIPLINARIZAÇÃO X RESISTÊNCIA : A FAVELA DA LOBEIRA NO CON-
TEXTO ATUAL (1989 - 1990)

Pré^{te}tendemos focalizar, neste capítulo a Favela da Lobeira no contexto atual dentro da Administração municipal do Prefeito Virgílio Galassi.

Neste contexto é interessante notarmos que há um acirramento do conflito entre os favelados e a referida Administração, visto que esta passa a pressiona-los para saírem da área ocupada.

Isto ocorre na medida em que o poder público não toma providências efetivas para solucionar a questão, colocando-se numa posição de total descaso e até mesmo de afrontamento frente aos favelados, de forma a pressioná-los de todas as maneiras afim de promover sua remoção.

Na administração anterior, já abordada no segundo capítulo desse trabalho, não vemos esse processo aflorar de forma clara, na medida em que o próprio discurso da Democracia Participativa acaba por escamotear os conflitos sociais existentes, dentro de toda uma política que tem o povo como o elemento central, como aquele que, ao lado do poder público, vai promover o progresso e o desenvolvimento da cidade.

Já na Administração Virgílio Galassi esses conflitos passam a se delinear de forma clara, uma vez que, no caso da questão urbana, há um agravamento do déficit habitacional, que gera por conseguinte um aumento expressivo no número de favelas. Aliás, tal processo já vinha ocorrendo desde a administração anterior, pois esta implantou uma política habita-

cional não condizente com as necessidades das classes populares.

Aliado à falta de um planejamento urbano adequado e à própria crise econômica do país que se reflete na vida da cidade, o problema habitacional torna-se alarmante em Uberlândia, passando a ser foco de conflitos.

Vale ressaltar que além desses fatores pesa também a imagem veiculada insistentemente pela imprensa local e nacional que coloca Uberlândia como uma cidade ideal para se viver, sem mendigos, sem desemprego, etc, o que atraíu nos últimos anos, um contingente significativo de pessoas que para cá se deslocaram. Isto gerou um crescimento populacional desordenado dentro de um cenário urbano desprovido de uma infraestrutura habitacional adequada para atender as necessidades deste crescimento.

É interessante notarmos que todo esse discurso que passa a imagem de uma cidade ideal é feito de forma a negar todo esse agravamento das condições de vida da população. A título de exemplo, podemos ver o trecho abaixo da reportagem da Revista Veja do ano de 1987 que foi inclusive amplamente divulgado em todo o país:

*(...) Uberlândia vive fora do círculo de crise econômica e social que hoje se aperta em torno da maioria das cidades do país. Em Uberlândia, é quase inacreditável, não existem mendigos nas ruas. Em vez de desemprego, ali há vagas em oferta em muitas empresas (...) Uberlândia detém uma das mais baixas taxas de mortalidade do país (...) e coleciona índices de segurança que fazem inveja a qualquer centro urbano.*¹⁸

18 - Crise à Distância. REVISTA VEJA. São Paulo, Editora Abril Cultural, 18/11/87, nº 1002, p. 67.

Na imprensa local esse discurso também se coloca de forma constante e persistente no ano do centenário da cidade:

*Não passa despercebido a ninguém ser Uberlândia uma cidade progressista, altaneira e dona absoluta de um posicionamento invejável, economicamente falando. Poder-se-ia dizer, então, ser esta a sede de um município decididamente rico, que não estaríamos exagerando em nada, já que o resultado do trabalho de um povo aí está como prova evidente de esta é a mais pura realidade.*¹⁹

Todo esse discurso perpassa a própria Administração atual apoiada no lema "O Desafio do Desenvolvimento". O que temos portanto é uma política voltada para o progresso da cidade, um progresso que se dá de forma a atender os interesses do capital, das classes detentoras do poder.

No caso específico da moradia, vemos o processo de disciplinarização ocorrer de forma cada vez mais desenfreada, sendo que as classes populares são expulsas para a periferia que se constitui em aglomerados clandestinos ou não, carentes de infra-estrutura, onde vai residir a mão-de-obra necessária para o crescimento da produção.²⁰

Neste sentido a população paga o preço de um progresso do qual ela não se beneficia. O caso da Favela é um exemplo típico de exclusão social, de marginalização, o que podemos denotar na própria fala dos favelados em questão:

*O Virgílio Galassi que só o bacana na cidade, ele odeia o pobre o negócio dele é dinheiro (...) O Virgílio faz aquela barreira: o rico eu adoro o pobre fora da minha cidade...*²¹

19 - O negredo do progresso está no Trabalho. CORREIO DE UBERLÂNDIA, Uberlândia, 07/07/87, AnoXLIX, nº 14.918, p.01.

20 - KOWARICK, Lúcio. A Lógica da Desordem. In: SÃO PAULO 1975; CRESCIMENTO E POBREZA. São Paulo, edição Loyola, 1976, p. 25.

21 - Depoimento de uma moradora da Favela da Lobeira, Uberlândia, 25/11/90.

Assim se delinea a política habitacional em-
preendida pela atual administração que se revela altamente se-
gragadora, na medida em que o pobre, como podemos notar no
depoimento em questão, é jogado para fora da cidade, ou seja,
para a própria periferia.

É dentro deste contexto que vemos aflorar os
conflitos entre os favelados da Lobeira e o poder público ,
na medida em que os mesmos passam a oferecer resistência quan-
to à proposta da Administração em transferi-los para outros
bairros como Tocantins e Parque São Jorge, que não possuem a
mínima infra-estrutura.

Além disto, esta proposta sustentada pela
EMCOP (Empresa Municipal de Construções Populares), um órgão
ligado à Prefeitura que atua no âmbito das construções popu-
lares e do desfavelamento, revelou-se inviável para os fave-
lados, pois estes teriam que comprar o material para constru-
ção das casas, sendo obrigados também a pagar uma prestação
altíssima pelos terrenos muito superior à sua renda familiar.

Vale salientar que todo esse processo de re-
sistência que vemos aflorar, apesar de ter suas característi-
cas peculiares, situa-se dentro do contexto mais amplo da
problemática habitacional vivida hoje no país, como bem nos
coloca Lúcio Kowarick:

*Fruto de um crescimento metropolitano anárquico, onde
a valorização da terra tende a expulsar as populações que não podem pa-
gar o preço de um progresso predatório e marginalizador, os bairros po-
pulares sem se tornado foco de tensão e reivindicação, o que, sem dúvi-
da, foi agravado pela crise econômica que marca a história brasilei-
ra desde os anos 80. Aumenta o contingente de trabalhadores que preci-
sa, por tal razão, trocar de moradia, localizando-se em favelas e cor-*

*tiços, o que tem levado, talvez de forma inédita nas últimas décadas para o âmbito das classes trabalhadoras o radical problema de uma extrema-pobreza advinda do desemprego, do subemprego e do acirramento da pauperização.*²²

Sendo assim, podemos perceber que a problemática da Favela da Lobeira se insere neste contexto maior colocado pelo autor, no qual as classes populares, levada pelas suas condições de vida cada vez mais precárias passam a brigar pelo seu espaço nas cidades, contestando assim a própria política habitacional que tende a jogá-los para as periferias.

Antes de analisarmos todo esse processo de confronto entre os favelados e o poder público municipal, gostaríamos de caracterizar a Favela da Lobeira, através dos dados colhidos no cadastramento dos moradores da mesma realizada em 23 de agosto de 1989 pelo Centro de Defesa dos Direitos Humanos da Diocese de Uberlândia.

De acordo com estes dados, a Favela possuía, nesta época 250 moradores, entre homens, mulheres e crianças. A procedência dos mesmos varia enormemente, sendo que há um número preponderante advindos de cidades vizinhas como Araguari, Ituiutaba, Tupaciguara, Prata, etc., além daqueles naturais da própria cidade.

Temos também um grande número de moradores vindos do Estado de Goiás de cidades como Itumbiara, Rio Verde, Quirinópolis entre outras, além daqueles provindos da região nordeste, de estados como Bahia e Rio Grande do Norte.

²² - KOWARICK, Lúcio. Introdução. *As Lutas Sociais e a Cidade: repensando um objeto de estudo*. In: KOWARICK, Lúcio (org.) *AS LUTAS SOCIAIS E A CIDADE: SÃO PAULO, PASSADO e PRESENTE*. São Paulo, Ed. Paz e Terra, 1988, p. 26.

Dentre as profissões dos moradores as que mais se destacam são a de pedreiro seguida pela de vigilante, lavrador e carroceiro. Isto no caso dos homens, sendo que as mulheres em sua maioria trabalham em casa nos serviços domésticos, destacando-se apenas algumas que atuam como manicu^{re}, lavadeira e faxineira.

A renda familiar dos moradores estava situada entre 280,00 a 400,00 cruzados novos, sendo que a maioria das famílias tinha um número de dependentes sempre superior à quatro pessoas e muitas vezes chegavam a morar em dez, onze pessoas num só barraco.

A partir desses dados podemos ter uma noção das condições precárias de vida dos favelados que persiste no próprio momento atual, tendo sofrido apenas algumas diferenciações no que diz respeito ao número de moradores, procedências, etc.

Vale ressaltar também que a localização da Favela contribui para agravar essa situação na medida em que a mesma se encontra a beira de um Córrego que na verdade constituiu-se num grande esgoto a céu aberto, causando doenças e epidemias que prejudicam a saúde dos moradores, além de colocar em risco também a saúde dos demais habitantes do Bairro.

A Administração municipal não tomou nenhuma providência no sentido de canalizar o córrego, o que seria de sua competência. Ao contrário utilizou a questão para pressionar a remoção dos favelados, alegando que os mesmos estariam poluindo o referido córrego, jogando lixo e esgotos no mesmo, causando assim danos a ecologia.

Percebemos então que a atual Administração tem como objetivo remover os favelados, sem dar no entanto uma

solução para o problema dos mesmos, pois a proposta da EMCOP, como já foi colocada, era a de vender terrenos aos favelados em outros bairros onde teriam que construir as casas, sem ajuda da Prefeitura.

Em abril desse ano vemos o conflito se agravar na medida em que a Prefeitura passa a tratar a favela da Lobeira no Bairro Lagoinha, como a Favela da Mangueira no Bairro Liberdade como um caso de polícia. Vejamos:

*Segundo informou Maria Aparecida Lucena, representante do Fórum de Entidades Populares e da Associação de Moradores do Bairro Liberdade, a prefeitura com a campanha de desfavelamento vem pressionando os favelados do Mangueira e da Lobeira (no Bairro Lagoinha) a deixar o local, caso contrário vão passar o trator por cima dos barracos.*²³

Neste sentido a Prefeitura chegou até a enviar elementos que se colocavam como sendo fiscais e detetives da polícia civil, para ameaçar os favelados.

Dentro deste contexto os favelados começam a se mobilizar através da união das duas favelas, no sentido de não permitir a destruição dos barracos. Tal mobilização passa a ter apoio do núcleo do PT do Bairro Saraiva, do SOS Meio Ambiente, Centro de Defesa de Direitos Humanos, que já acompanhava a questão, além de outras entidades e sindicatos que passam a atuar ao lado dos favelados.

A atuação dessas entidades, sindicatos e do próprio Partido dos Trabalhadores tinha como objetivo pressionar as autoridades municipais para que as mesmas tomassem uma postura no sentido de resolver efetivamente a questão.

Foram feitas várias reuniões com os moradores

²³ - Artigo da EMCOP mobilizam moradores do Bairro Liberdade. CORREIO DE BIELÂNDIA, Uberlândia, 28/04/90, nº 15367, p. 04.

de ambas as favelas para discutir a questão, sendo inclusive montada uma pauta de reivindicações dos favelados. A pauta constituía-se no seguinte:

- Construções de casas em regime de mutirão no prazo de 30 dias, a contar da data de entrega do material que deveria ser cedido pela Prefeitura.

- O pagamento do terreno deveria ser feito no valor de 10% da renda familiar.

- Exigência da suspensão imediata das ameaças e pressões feita aos favelados pela EMCOP.

Numa reunião posterior realizada com os favelados da Lobeira e da Mangueira juntamente com diversas autoridades municipais e representantes de entidades e partidos políticos da cidade, essa pauta foi entregue ao Secretário de Trabalho e Ação Social que se comprometeu em encaminhar a questão uma vez que a questão do desfavelamento estava nesse momento, a cargo dessa Secretaria não estando mais ligada à EMCOP.

Apesar de toda movimentação dos favelados juntamente com diversas entidades, sindicatos e Partido dos Trabalhadores, podemos constatar, com base na situação atual que tais reivindicações não foram atendidas.

A ação da Prefeitura constitui-se na venda de terrenos aos favelados nos Bairros Tocantins e Parque São Jorge, onde teriam que construir, no prazo de 30 dias, uma casa de dois cômodos e banheiro, com o material que seria comprado pelos próprios favelados, ou seja, era a proposta anterior elaborada pela EMCOP.

Esta proposta foi aceita por muitos moradores das duas Favelas, que acabaram ficando numa situação pior ,

pois não tinham condições financeiras para construir a casa .

Como consequência disto vemos no momento atual, no caso da Favela da Lobeira, que os favelados que se mudaram acabaram por levar os barracos, instalando-os nos terrenos , devido não terem condições financeiras para construir uma casa. O depoimento dos moradores da Favela da Lobeira atesta esta questão. Vejamos um deles:

*Uns tão levantando as casa pouco a pouco. Teve gente que mudô' daqui e levô' os barracos e tã' com os barracos até hoje.*²⁴

Assim podemos perceber que a ação da Prefeitura não resolve a questão, na verdade o favelado acaba sendo jogado para a periferia sem nenhuma infra-estrutura, além de ter, como nos mostra o depoimento, em muitos casos, que continuar morando no próprio barraco. Em contrapartida, ao deslocar esses moradores a Prefeitura acaba criando espaço para a instalação de outros barracos no lugar daqueles que existiam, como comprova este outro depoimento:

*(...) Deve tê numa faixa de 200 pessoas, uns 47 barracos... Aumentô' na medida que o pessoal ia saindo, entrô' outros no lugar'.*²⁵

Assim o problema persiste e os favelados, apesar de todas as pressões continuam resistindo pois segundo eles, para deixar o local e ir para outros bairros nas condições acima relatadas, é melhor então permanecerem na situação que se encontram.

A saída, de acordo com os depoimentos, só seria possível na medida em que a Prefeitura oferecesse as devi

²⁴ - Depoimento de uma moradora da Favela da Lobeira. Uberlândia, 10/11/90.

²⁵ - Depoimento de uma moradora da Favela da Lobeira. Uberlândia, 10/11/90.

das condições e nisso sentimos um ponto de resistência por parte dos favelados:

Ou fica aqui ou saí todo mundo, porque a maioria do pessoal que tava aqui unido com a gente mudô', agora a gente tá tentando uní' com o pessoal novo prá' firmã' pē'.²⁶

Neste sentido percebemos que os favelados estão se impondo diante do poder municipal, brigando pelo direito de viveram dignamente, em busca de suas necessidades vitais.

Nossa análise neste capítulo teve como objetivo detectar todo esse processo de conflito que está ocorrendo no momento atual. Não tivemos a intenção de fazer uma análise exaustiva das ações da Prefeitura ou do próprio movimento dos favelados, mas sim de mostrar de que forma esses conflitos vem ocorrendo, suas características, ou seja, tivemos a preocupação de situar tal questão dentro da problemática habitacional, dentro da própria disciplinarização do espaço urbano uberlandense.

Nos depoimentos sentimos um misto de revolta e até mesmo de consciência por parte dos favelados, na medida em que estes se colocam como pessoas comuns, que trabalham e que rem ter condições de vida dignas.

A marginalização é um dos grandes problemas enfrentados:

O mais difícil aqui também é os meio de comunicação, lá fora que eles acham que quem mora em favela é bandido, ladrão...²⁷

No mesmo depoimento com o qual encerraremos o

26 - Depoimento de um morador da Favela da Lobeira, Uberlândia, 25/11/90.

27 - Depoimento de uma moradora da Favela da Lobeira, Uberlândia, 25/11/90.

nosso capítulo sentimos a revolta latente e a afirmação dos favelados enquanto pessoas que necessitam, como todos nós, de terem uma vida digna e condizente com suas necessidades:

*Todo mundo aqui trabalha. Agora roubã' ninguém vai não. O único ladrão é o Virgílio que tá' sentado atrás daquela cadeira rouba nô' do povo.*²⁸

²⁸ - Depoimento de uma moradora da Favela da Loboira, Uberlândia, 25/11/90.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Primeiramente gostaríamos de salientar que este trabalho nos permitiu adquirir uma grande experiência em termos de uma pesquisa sistematizada, fundamentada teoricamente, o que nos trouxe muitos subsídios para as nossas atividades acadêmicas futuras.

É necessário ressaltar que a nossa análise aqui realizada teve como objetivo maior abordar a questão do sem-terra urbano em Uberlândia, uma questão que se agrava a cada dia e que ainda se encontra num processo de discussão incipiente, apesar de toda a polêmica que vem gerando.

Consideramos que o nosso trabalho foi muito importante neste sentido na medida em que poderá servir para alargar mais a discussão sobre o tema e no sentido de buscar alternativas para uma ação efetiva de todos aqueles que se preocupam com a questão do favelado em Uberlândia.

O que aqui tentamos fazer foi uma análise do referido tema da forma mais clara possível, sendo que tivemos uma imensa preocupação com os aspectos práticos da questão, no sentido de não nos perdermos em cansativas discussões teóricas, por entendermos que se trata de um problema que se apresenta num processo contínuo de transformações e que por isso deve ser visto a partir de sua real dimensão.

O trabalho nos foi muito válido também para captarmos os mecanismos utilizados pelo poder público para justificar todo o processo de disciplinarização urbana que caracteriza a nossa cidade, bem como tantas outras cidades brasileiras inseridas no contexto maior da sociedade burguesa capi-

talista.

Neste âmbito, foi interessante notarmos todo o discurso ideológico da ordem, do progresso, do trabalho, que se constitui num dos mecanismos de controle e escamoteamento da pobreza e dos conflitos sociais existentes.

Por outro lado consideramos que mais rico do que isso, foi a possibilidade que o trabalho nos ofereceu de percebermos as formas de resistência empreendidas pelos favelados, a revolta presente em suas falas e acima de tudo a real afirmação dos mesmos em buscar condições dignas de vida.

Outra questão que julgamos relevante no trabalho foi o fato de podermos trabalhar a questão da disciplina-
rização do espaço urbano uberlandense dentro de uma abordagem histórica mais ampla, pois ao retomarmos toda esta questão desde as origens da cidade, tivemos condições de redimensionar e aprofundar tal questão no momento atual.

Neste sentido entendemos que conseguimos relacionar passado e presente de forma coerente e dialética com vistas a levantar novas questões que nos tragam outras perspectivas de estudo; sendo assim acabamos por seguir a trilha proposta por Benjamin: *Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo 'como ele de fato foi'. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeza no momento de um perigo.*²⁹

Enfim, consideramos que o trabalho nos trouxe a possibilidade de aprofundarmos nosso conhecimento histórico, tanto a nível teórico como a nível da própria realidade da cidade em que vivemos. Isto foi muito importante pois nos mostrou a própria continuidade da história, que se renova a cada dia, nos obrigando a repensar nossas propostas, nossos méto-

29 - BENJAMIN, Walter. Sobre o Conceito de História. In: OBRAS ESCOLHIDAS. 3 ed., São Paulo, Editora Brasiliense, 1987, v.1, p.224.

dos, enfim nossa própria postura enquanto historiadores pois com bem nos coloca o autor em questão: *A história é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de 'agoras'*.³⁰

30 - *Ibidem*, *Ibidem*, p. 229.

BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, Carlos Drummond de. *CORPO*. 11 ed., Rio de Janeiro , Editora Record, 1987.
- BENJAMIN, Walter. *OBRAS ESCOLHIDAS*. 3 ed., São Paulo, Editora Brasiliense, 1987, v.1.
- FOUCAULT, Michel. *MICROFÍSICA DO PODER*. 7 ed., Rio de Janeiro , Edições Graal, 1979.
- KOWARICK, Lúcio. *A ESPOLIAÇÃO URBANA*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.
- _____. "A Lógica da Desordem". In: *SÃO PAULO 1975 ; CRESCIMENTO E POBREZA*. São Paulo, Edições Loyola, 1976, p.21-61.
- _____. (org.) *AS LUTAS SOCIAIS E A CIDADE: SÃO PAULO PASSADO E PRESENTE*. São Paulo, Editora Paz e Terra, 1988.
- MACHADO, Maria Clara Tomáz. "A pobreza urbana na ótica do capital - Análise do discurso - Uberlândia (1900-1960)". In: *ANAIIS DO V ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA*. Uberlândia, julho de 1986, p.113-28.
- NETO, João Herrmann (org.). *DEMOCRACIA FEITA EM CASA*. Brasília , Editora Escopo, 1984.
- SOARES, Beatriz Ribeiro. *HABITAÇÃO E PRODUÇÃO DO ESPAÇO EM UBERLÂNDIA*. Dissertação de Mestrado, USP/SP, 1988, mimeo.

Fontes

- JORNAIS:
 - O Progresso - 1907-1908.
 - Primeira Hora - 1983-1984.
 - Correio de Uberlândia - 1988-1990.
- Revista Veja. São Paulo. Editora Abril Cultural. 18/11/1984, nº100..
- Cadastramento dos moradores da Favela da Lobeira realizado em 23/08/89 pelo Centro de Defesa dos Direitos Humanos da Diocese de Uberlândia.
- Entrevistas orais realizadas com moradores da Favela da Lobeira em Uberlândia em 10/11/90 e 25/11/90.